

FORTUNAS FAZEM-SE E DESFAZEM-SE: GILBERTO DE ALENCAR E O CRIME DA RUA DO SAPO¹

Andréa Ferreira CARVALHO²
Moema Rodrigues Brandão MENDES³

RESUMO

A proposta deste artigo é apresentar o manuscrito inédito intitulado **O crime da rua do Sapo** novela produzida pelo escritor mineiro, Gilberto de Alencar (1886-1961). Este documento autógrafo está sob a custódia do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, lotado no Acervo Alencar, no Fundo do titular. Optou-se por fazer um recorte da novela, a fim de elencar a importância da memória individual e coletiva, que dispõe da possibilidade de trazer o passado proporcionando um sentido de identidade e pertença. Esta reflexão revela, por meio Edição *Princeps*, e Diplomática, todos os elementos presentes em um documento literário como sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, preservação vocabular e preservação de escrita à época. A Crítica genética e a Crítica textual formam um novo campo transdisciplinar que assegura a possibilidade de investigar os objetos eleitos, proporcionando embasamento teórico para a discussão do processo de criação de uma obra em várias manifestações artísticas. Assegura-se que as discussões neste artigo, tornam-se primordiais para repensar as questões da contemporaneidade que transpõem a emaranhada relação entre obra, autor e processo de criação.

Palavras-chave: Gilberto de Alencar. O crime da rua do Sapo. Memória. Edição *Princeps*. Edição Diplomática.

ABSTRACT

The purpose of this article is to present the unpublished manuscript entitled **O crime da Rua do Sapo**, a novel produced by the writer from Minas Gerais, Gilberto de Alencar (1886-1961). This autograph document is under the custody of the Murilo Mendes Art Museum (MAMM) in the city of Juiz de Fora, Minas Gerais, located in the Alencar Collection, in the holder's Fund. It was decided to make a clipping of the novel in order to list the importance of individual and collective memory, which has the possibility of bringing the past, providing a sense of identity and belonging. This reflection reveals, through the *Princeps* and Diplomatic Editions, all the elements present in a literary document, such as abbreviated signs, punctuation marks, paragraphing, vocabulary preservation and writing preservation at the time. Genetic criticism and textual criticism form a new transdisciplinary field that ensures the possibility of investigating the chosen objects, providing a theoretical basis for the discussion of the process of creating a work in various artistic manifestations. It is assured that the discussions in this article, become essential to rethink the contemporary issues that transpose the tangled relationship between work, author and creation process.

Keywords: Gilberto de Alencar. O crime da Rua do Sapo. Memory. *Princeps* Edition. Diplomatic Edition.

¹ Este artigo se baseia na pesquisa desenvolvida para a dissertação de mestrado intitulada, **Dinheiro na mão é vendaval. O crime da rua do Sapo: uma novela de Gilberto de Alencar**, no âmbito do Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia).

² Mestre em Letras (UniAcademia), membro do GT "Arquivos literários: memória, resgate, preservação", (CNPq). *E-mail:* andreaeduc@yahoo.com

³ Pós-Doutora em Memória e Acervos literários (FCRB/RJ) Doutora em Letras (UFF/RJ), líder do GT "Arquivos literários: memória, resgate, preservação", (CNPq). *E-mail:* moemarbmdes@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Uma literatura só adquire maioridade com memórias, cartas e documentos. (CANDIDO, Antonio apud ANDRADE, 1974,p.6).

Esta reflexão tem como finalidade apresentar o manuscrito autógrafo, inédito, intitulado **O crime da rua do Sapo** de Gilberto de Alencar. Nesta novela, o escritor mineiro inicia a narrativa com a seguinte reflexão: “De fato é isto, as fortunas fazem-se e desfazem-se. Só o que tem é que se desfazem muito mais rapidamente” (ALENCAR, 1947, p.1), o que permite dialogar com o verso “Dinheiro na mão é vendaval” (1975) de autoria do cantor e compositor, Paulinho da Viola, cujo refrão muitos catarolam ou catarolaram em algum momento de suas vidas. Este diálogo resgata e representa bem uma das reflexões de Maurice Halbwachs (2003) ao afirmar que:

Reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos (HALBWACHS, 2003, p.55).

Assim, as imagens ativadas com “fortunas que fazem-se e se desfazem-se” (ALENCAR 1947, p.1) é proficiente para (re)construir a experiência individual e coletiva do ser humano, ao mesmo tempo que funciona como um dínamo que transforma o passado em presente a fim de registrar os anais históricos de uma sociedade.

Nesta obra, **O crime da rua do Sapo**, identifica-se um narrador detalhista, que privilegia cada recorte realizado dentro da trama, tanto no que diz respeito às personagens, quanto às descrições de lugares e arredores da cidade de Juiz de Fora.

A título de melhor conhecimento da obra em questão será apresentada, abaixo, parte da descrição do protagonista Antonio Coutinho em um texto que é construído por um narrador seletivo, crítico e múltiplo que define com precisão os atores. Coutinho, segundo o narrador, é um sujeito forte, de aproximadamente 34 anos, agente da polícia do estado de São Paulo.

Antonio Coutinho de Oliveira, não faz diferença ou faz pouca. Sujeito forte, esse Coutinho, corpulento, ali pelos trinta anos, a rigor trinta e quatro, cara mesmo de polícia, cara gorda, sempre muito bem escanhoadada e luzidia.

Luzidios também eram os cabelos, cuidadosamente penteados para traz, a risca. Gravata vermelha sobre o peito vasto, lenço ora verde, ora azul, pendente do bolso de cima do paletó. E um largo correão de fivela apertando o ventre boleado. [...]. As calças, por exemplo, todos hão de suppô-l-as amplas e quasi tão largas nos pés quanto no cós, cobrindo mais de dois terços dos pesados sapatões de sola dupla. Suposição verdadeira (ALENCAR, 1947, p.1).

Como é possível determinar, esta novela é narrada em terceira pessoa e passa-se no ano de 1947, tendo como ambiente espacial o centro da cidade de Juiz de Fora e suas imediações.

À proporção que a trama se desenrola, o autor incita o leitor a uma percepção, que o leva a uma reflexão sobre a manutenção dos valores carcomidos e significativos da sociedade juizforana em meados do século XX. A avareza, a hipocrisia, a solidão e as extravagâncias ficam bem registradas no fragmento,

Barbosa não escondia a desestima, parecia mesmo fazer questão de mostrá-la bem mostrada, porém Coutinho era o contrario. Se no fundo aborrecia o tio muito mais do que o tio desqueria, não dava nisso demonstração alguma, nem franca, nem discreta. Quando se quer herdar, e o agente da Segurança Publica queria isso mais que tudo, a regra é desgostar, mas não deixar que o desgosto se torne conhecido e de qualquer forma possa prejudicar a herança ou mesmo, frustrá-la. Não vale a pena que certos desgostos, andem correndo as ruas (ALENCAR, 1947, p. 4).

Manoel Pinto Barbosa, personagem-protagonista, citado acima, era tio de Antonio Coutinho e regulava pelos sessenta e dois anos; era baixo, magro, curvado, andava devagar, olhos pequenos e vivos, encovados e bigode grisalho. Quanto ao estado civil, era viúvo. Residia na cidade de Juiz de Fora, e para ele, ficar solteiro era mais interessante e mais seguro já que seu intuito era continuar enriquecendo. Chegou milionário à casa dos sessenta, com privações inúmeras até mesmo alimentares. Avaro ao extremo, chegou a ser considerado o maior proprietário de casas da cidade de Juiz de Fora à época.

Por causa de sua fortuna, Manoel Pinto Barbosa foi assassinado, por meio de um crime cometido a mando do sobrinho Antonio Coutinho, entretanto, por falta de provas, o caso foi encerrado da seguinte forma: para a polícia foi colapso, para o sobrinho susto e para Perdigão, (o assassino) murro, prevalecendo a opinião da polícia.

Após estes acontecimentos, Antonio Coutinho herdou a fortuna do tio, entretanto suas extravagâncias financeiras tornaram-no pobre e sozinho, atestando os versos

“Dinheiro na mão é vendaval/ Dinheiro na mão é solidão” (VIOLA, 1975), confirmando, assim, a tragédia metaforizada em **O crime da rua do Sapo**.

E perpassando o olhar crítico-genético a fim de analisar a capacidade substancial da memória, constata-se que, em algumas circunstâncias, ela se torna fragmentária, incompleta, e o processo de circulação documental com o intuito de eternizar o que envelhece, preenche as lacunas da história que se deseja immortalizar, fato laborioso, que exige do pesquisador um comprometimento fidedigno ao texto criticado.

Quanto à fidedignidade textual, ao se adentrar no universo da Crítica genética, por meio do processo de criação de cada obra, utilizando os manuscritos autógrafos da mesma, ou quaisquer outros prototextos, importa ressaltar que a conservação física dos referidos documentos é de essencial relevância para o desenvolvimento da pesquisa com esta abordagem.

Neste caso, os manuscritos inéditos da novela, **O crime da rua do Sapo**, de Gilberto de Alencar, formam uma documentação em bom estado de conservação, escritos a lápis, medindo 45,5cm de comprimento, por 20cm de largura, apresentando pequenas deteriorações, efeito da ação de insetos de papel, em grande parte no segmento inferior do *fólio*, que entretanto, em nada comprometem o entendimento e integralidade do texto.

A memória, sob o ponto de vista da criação e sob a manifestação do texto escrito, tem mais chances de ganhar voz e de ser ouvida, quando, metonimicamente, é revisitada. Acredita-se que a interface memória individual e memória coletiva permita que se possa conhecer, (re) constituir e (re) contar parte da história de Juiz de Fora e dos protagonistas de **O crime da rua do Sapo**.

Esta reflexão visa, de forma singular, a relatar a importância da preservação de manuscritos de obras literárias custodiadas em acervo.

1 EVOCANDO GILBERTO DE ALENCAR

Gilberto Napoleão Augusto de Alencar, conforme Mendes e Quintão (2017) foi um homem engajado na contemporaneidade, preocupado e envolvido com a cidade que elegeu para morar, Juiz de Fora. Ele nasceu em Minas Gerais, no arraial de João Gomes, posteriormente chamado Palmira e, atualmente, Santos Dumont, no dia 1º de dezembro de 1866 e faleceu em Juiz de Fora em 4 de fevereiro de 1961. Ainda

segundo as pesquisadoras, ele foi casado com Sofia Áurea do Espírito Santo, também mineira e com ela teve cinco filhos: Heitor de Alencar, Emília de Alencar, Cosette de Alencar, Maria da Conceição de Alencar e Fernando de Alencar.

Após o seu falecimento, em 1961, seu acervo ficou sob a guarda de sua filha, Cosette de Alencar (1918-1973), escritora e colunista de jornais mineiros. Com o falecimento de Cosette, o bem cultural da família Alencar passou à custódia de Marta de Alencar e Sousa, sobrinha de Cosette e neta de Gilberto. A mesma firmou contrato de doação com o Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 13 de abril de 2007 (MENDES; QUINTÃO, 2017).

Conforme as estudiosas (2017), Gilberto de Alencar publicou várias obras entre elas romances, e produziu textos jornalísticos para os quais assinou com variados pseudônimos: Zangão, G., G. de A., Germano D’Aguilar, João do Carmo e Napoleão.

Segundo Falconi e Mendes (2019), Alencar soube fazer-se inesquecível em qualquer tempo no meio em que transitou, devido a seus inúmeros talentos, o que lhe conferiu o epíteto de homem de cinco faces⁴ a saber: 1. romancista – este mineiro enveredou-se pelos caminhos literários, produzindo romances, entretanto, esta reflexão reporta-se somente a citar algumas destas publicações, sem analisá-las, como **Prosa rude** (1926), **Misael e Maria Rita** (1953), **O escriba Julião de Azambuja** (1962) e **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho** (1946); 2. funcionário público - A trajetória intelectual do escritor juizforano foi marcada pelo fascínio das letras, tanto que atuou como funcionário público no período de 1920 a 1940, assumindo em 1945, o cargo de diretor do Serviço de Educação Pública do município de Juiz de Fora; 3. jornalista – A paixão do literato mineiro pela escrita jornalística, fê-lo enveredar-se pelas rotas periódicas bem cedo. Por causa dela, exerceu a função de diretor de jornal, de redator, de articulista, de cronista, assinando colunas em vários jornais na cidade de Juiz de Fora e região. Sua veia jornalística se estendeu a outras terras Gerais como Belo Horizonte, São João Del Rei; e terras do estado do Rio de Janeiro, despontando dentre muitos, pelo talento da escrita; 4.

⁴ Este parágrafo originou-se de um artigo em coautoria com a pesquisadora Moema Rodrigues Brandão Mendes, intitulado O entre lugar e a memória em **O crime da rua do Sapo**, apresentado nos anais da UFJF, VIII Jornada Literária do PPG Letras: Estudos Literários 2018, conforme *site*: Disponível em: https://docs.wixstatic.com/ugd/398f3f_304fdb726dd04cf58740cb0b0c7d98e9.pdf. Acesso em: 30 jun. 2021.

tradutor - dominando o idioma francês, foi tradutor de obras famosas as quais foram publicadas pela editora Itatiaia, tais como **Adorável Marquesa** (romance da madame Pompadour, 1958) de André Lamber, **Maria Stuart** (rainha e mulher, 1958) de Jean Plaidy e a 5ª face, a intelectual⁵ - ocorre, devido ao seu posicionamento crítico em questões na cidade e fora dela, como, por exemplo, membro integrante da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira de número 21.

Assim, Gilberto de Alencar reflete as faces de muitos saberes que compõem uma personalidade ímpar que facultou-lhe circular entre as intelectualidades por meio de uma escrita repleta de arrematamentos críticos.

2 A EDIÇÃO DE MANUSCRITOS: UMA TEORIA, VÁRIOS CRITÉRIOS

Ao procurar conhecer e interpretar os segredos da “caixa-preta”, a genética faz muito mais que promover um novo ponto de vista crítico sobre a obra: ela grava e designa uma mutação histórica na noção mesma de obra artística.

(BIASI, 2010, p. 8. grifo do autor).

Na oportunidade de levar estas considerações a uma análise pelo viés da Crítica genética, a fim de promover as edições documentais da novela **O crime da rua do Sapo**, é necessário buscar entender o termo edição genética e é por meio dos estudos de Louis Hay que se localiza a fonte para uma possível explicação para esta terminologia nova, mas que já está inserida em muitos dicionários atuais como: “No

⁵ O enfoque que a pesquisa confere em relação aos diversos sentidos que a palavra intelectual abrange está atrelado às reflexões das pesquisadoras Ivete Walty e Maria Zilda Cury, no livro **Intelectuais e vida pública: migrações e mediações**. Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 2008. Segundo as estudiosas retomam-se, hoje, sobretudo no meio universitário, os debates sobre o papel do intelectual e o âmbito de sua atuação. E do meio acadêmico, partem questionamentos sobre o papel do agente cultural, do escritor. Mas quem é esta figura, capaz, ainda hoje, de gerar polêmica? O conceito de intelectual tem, pois experimentado, ao longo do tempo, ênfase nesse ou naquele aspecto conforme a situação histórica em que é usado, aí incluída aquela em que estamos inseridos enquanto agentes da vida acadêmica. Há, no entanto, um denominador comum que gostaríamos de apontar, o fato de que o intelectual ocupa uma posição de mediador, de intermediário no concerto das relações sociais. Há ainda a visão complementar que as estudiosas Walty e Cury trazem das teorias de Michel Foucault e Bobbio para configurar mais o direcionamento de sentido da palavra intelectual: “O papel do intelectual não é mais o de se colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento; na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso (WALTY e CURY, 2008, p. 22. Grifo do autor). As pesquisadoras complementam a reflexão com o discurso do pensador palestino Edward Said que afirma que “o fundamental para o intelectual é perturbar o seu público, causar-lhe embaraço, ser do contra, não em busca do consenso com base em um idealismo romântico, mas em busca de sempre enxergar a razão do outro” (WALTY e CURY, 2008, p. 24). É neste sentido pois, que a pesquisa apresenta a palavra intelectual, a fim de classificar uma das faces do escritor Gilberto de Alencar.

léxico contemporâneo, o termo *edição genética* aparece como um neologismo de fresca data; e em nossas idéias sobre a edição, o projeto de publicar o nascimento de um texto fala de uma ambição bastante recente” (HAY, 2007, p.341).

Na compreensão da palavra edição, segundo a crítica textual, pode-se entender como a cópia de textos feita a partir de uma mesma composição tipográfica, incluindo todas as tiragens resultantes dessa cópia. Como esta pesquisa propõe elaborar uma edição *Princeps* e Diplomática da novela inédita **O crime da rua do Sapo**, de Gilberto de Alencar, é necessário trazer os conhecimentos de alguns teóricos a fim de elucidar o conceito destes tipos de edição que poderão contribuir e sedimentar a parte da pesquisa no que tange à elaboração de edições.

Dentre muitos estudiosos, César Nardelli Cambraia esclarece o conceito de edição *Princeps*: “Tem-se uma edição *princeps*/príncipe, quando se publica um texto pela primeira vez” (CAMBRAIA, 2005, p. 88) e de edição diplomática: “Neste tipo de edição, faz-se uma transcrição rigorosamente conservadora de todos os elementos presentes no modelo, tais como sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, translineação, separação vocabular, etc” (CAMBRAIA, 2005, p. 93).

Na mesma direção, posiciona-se Louis Hay sobre a edição diplomática:

A reprodução do manuscrito acompanha-se, geralmente, de uma transcrição dita “diplomática”, transposição literal do texto em caracteres de imprensa que esposa, tanto quanto a tipografia o permite, a disposição especial e as características gráficas (rasuras, acréscimos, etc.) do original (HAY, 2007, p. 347).

Diante do exposto, a perspectiva de elaborar uma edição *princeps* e diplomática da novela de Gilberto de Alencar pode alterar o campo das edições tradicionais deste escritor mineiro, pois o leitor comumente tem acesso ao livro, ao texto publicado, a partir da impressão tipográfica, mas o manuscrito, esse permanece nas mãos dos especialistas. Assim, as duas edições proporcionarão ao leitor conhecimento sobre a intimidade da escrita, da ortografia e, o mais importante, ter acesso ao processo de criação do escritor. A ortografia vigente e mantida sem atualização,⁶ pode ser verificada no fragmento:

⁶A manutenção da ortografia, vigente ao ano de 1947, deveu-se, também, ao interesse da pesquisa em preservar a memória linguística do manuscrito em questão.

Dahi a nada o carro puxado por dois cavallos magros parou na rua, em frente à casa, o cocheiro entrou no terreiro com o ajudante, os dois mulatos juntaram-se a elles e os quatros levaram Barbosa dentro do caixão já fechado cuja passagem ia deixando no ar o cheiro terrível (ALENCAR, 1947. p. 27. Manuscrito).

Por vez, pode-se considerar que o manuscrito autógrafo é um dos principais meios de preservação sociocultural de um povo. É por intermédio dele que se pode ter acesso a grande quantidade de informações sobre povos, gravadas em diversos suportes; o texto viabiliza o resgate de um passado, por vezes esquecido, possibilitando que o pesquisador mude a linha cronológica do tempo, fazendo do passado o presente que se lê. As afirmações de dois estudiosos ratificam esta importância cultural, conforme consta no artigo do pesquisador Marcos Antonio de Moraes (COLI, 2000 apud MORAES, 2009, p.15): “Privar o leitor do texto em estado original é um empobrecimento”. Ainda sustenta o pesquisador (MORAES, 2009) que as particularidades linguísticas de uma obra ou texto devem ser preservadas, para que o projeto estético do escritor não fique oculto.

Importa registrar que na investigação e na recolha de material no Acervo Alencar, não foi localizada uma outra cópia da novela, seja autógrafa, ou datiloscrita ou cópia tipográfica, o que possibilita inferir que o manuscrito é o próprio rascunho e, ao mesmo tempo, a única versão para ser editada.

Assim sendo, a realização da edição *Princeps* justifica-se, pois contribuirá para ampliar a fortuna crítica do autor e brindará o leitor com uma novela num estilo ímpar, verdadeira representante da escrita mineira, com um estilo peculiar de leveza irônica que verifica-se na trama novelesca em:

Na rua do Sapo havia gente às janellas, mas nas ruas seguintes até chegar ao cemiterio, nas ruas onde os quarteirões inteiros pertenciam a Manoel Pinto Barbosa, ninguem via, ninguem reparou, só um ou outro transeunte tirava automaticamente o chapeó que enterro de indigente merece tambem respeito (ALENCAR, 1947, p.28. Manuscrito).

A Crítica genética, portanto, proporciona uma elaboração de conceitos significativos, porque trabalha com a estrutura primária do documento, revelando um certo estado inacabado do texto. Além disso, engloba métodos, técnicas, teorias que permitem uma exploração científica segura, descortinando facetas inexploradas que, muitas vezes, ultrapassam os limites literários; e pela ótica genética é possível realizar o movimento transdisciplinar, reunindo as teorias multidisciplinares que irão,

gradativamente, decifrar os códigos, rasuras, acréscimos, que são riquezas genéticas que levam a imaterialidade documental. É Louis Hay uns dos autores que afirma sobre esse estado inacabado do texto: “Enquanto o texto fornece somente a parte escritural e codificada da mensagem, o manuscrito aí acrescenta uma informação não escritural, não codificada, gráfica e espacial, que abarca todas as funções do signo” (HAY, 2007, p. 347).

E, em **O crime da rua do Sapo**, esses limites literários e a decodificação de códigos são identificados, conforme:

Manoel Pinto Barbosa chegou millionario à casa dos sessenta, o que, com os chapéus, os ternos e as botinas, sem falar nas privações de cama e mesa, que virão a seu tempo, a ninguem pode **[Ilegível]**⁷.
Queriam mas que estivesse millionario duas vezes, outras que quatro. Isto leva a crer, razoavelmente, que na realidade só estivesse tres, o que não parece pouco, pois ao tempo vigorava o velho mil réis, o qual, se não valia este mundo e o outro, valia bem dez vezes o cruzeiro com que então nem se sonhava e hoje rola por ahi as bateladas e nada vale. Fique-se nos tres mil contos e não se ficará mal (ALENCAR, 1947. p. 5. Manuscrito).

Elaborar uma pesquisa fundamentada na Crítica genética, que abrange, dentre muitos outros, um viés de reconstituição do texto a partir do próprio texto, conduzindo-o para o desvelar, o interpretar os códigos, método este que consiste em estabelecer vários critérios numa sequência de processos, é função árdua, porém, fascinante para os geneticistas.

Essa exploração oferece acesso ao documento original, que carrega em si algo de selvagem, pois o pesquisador depara-se, muitas vezes, com frases finalizadas em reticências, rasuras por cima de palavras e, principalmente, no que consiste a nomes próprios. Por meio da análise crítica, o geneticista pode levantar hipóteses, diante de uma rasura, de que um nome fora trocado, uma ou mais vezes. E mais, pelo olhar criterioso do pesquisador, o texto pode revelar a impressão de ter sido escrito de uma só vez, e posteriormente, o autor vem fazendo retificações etapa a etapa à proporção que a leitura parcial do texto vai acontecendo, essas são algumas possibilidades que um manuscrito autógrafo pode fornecer. Nas reflexões de Biasi (2010), há o registro muito bem embasado sobre a questão do processo de criação ser peculiar a cada autor:

⁷ A rasura silenciosa será registrada por meio da palavra **[ILEGÍVEL]**, em caixa alta, negrito e entre colchetes, ação adotada com um dos critérios na transcrição do autógrafo em estado de prototexto.

Os escritores, que usam estruturação redacional trabalham sobre um único manuscrito que se enriquece, à medida que se desenvolve a redação, com incessantes ajustes e retrocessos: quanto mais a redação avança para o final, mais ela se desenvolve em extensão e arrependimentos. Quando chega ao fim de seu trabalho, o escritor dispõe de fato de uma versão quase definitiva da obra, mas sob a forma de um manuscrito muitas vezes cheio de correções maciças contendo, por exemplo, trechos intercalados, indicações de reorganização estrutural, acréscimos marginais, indicações de transferências ou permutações (BIASI, 2010, p.47).

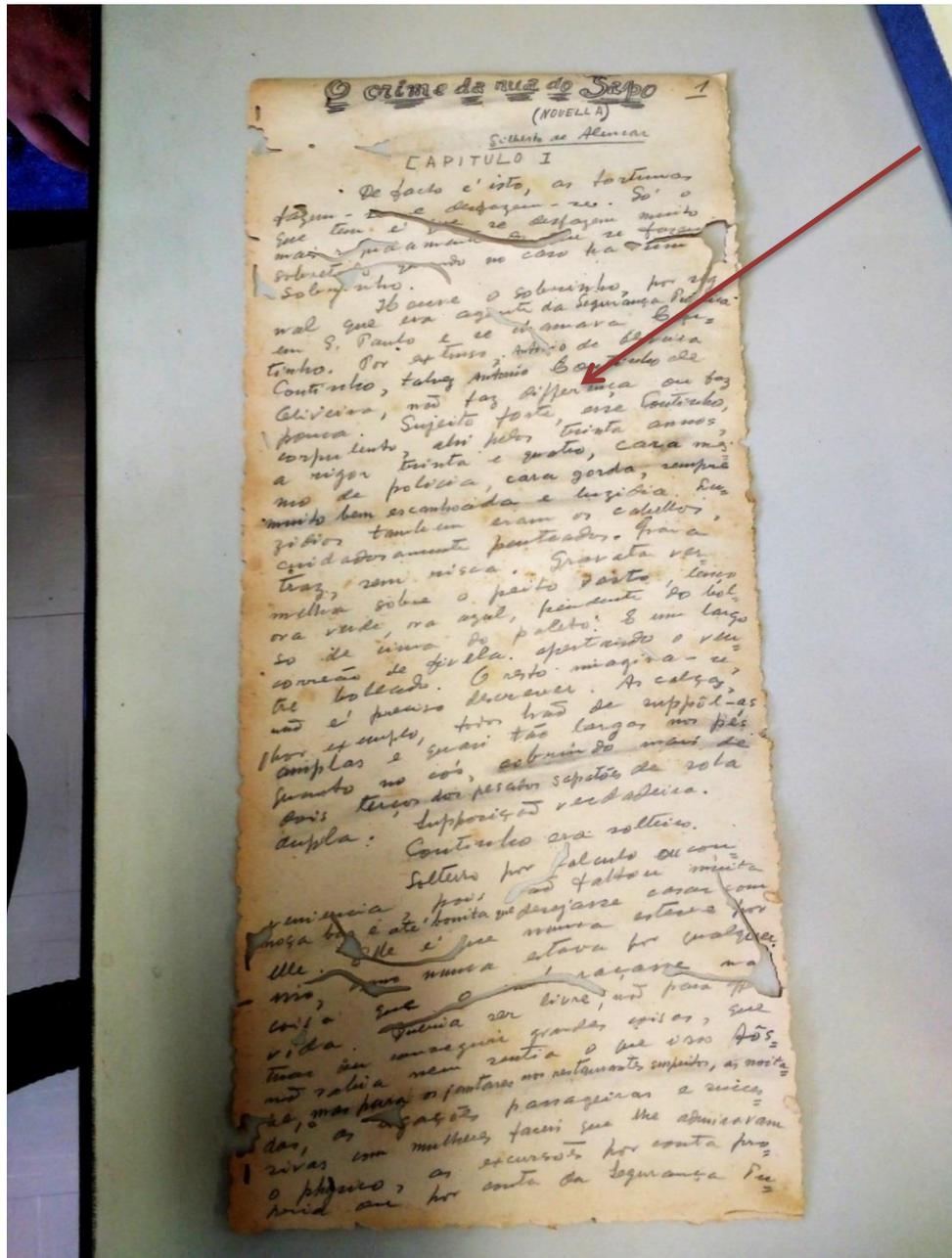
Explorando o manuscrito de Gilberto de Alencar, **O crime da rua do Sapo**, constata-se que o autor utilizou alguns critérios mencionados por Biasi (2010), como anotações de acréscimos, não nas marginais, mas nas entrelinhas e, utilizou, algumas vezes, rasuras para substituições de palavras.

Assim, pode-se asseverar que as edições *Princeps* e Diplomática, neste artigo, promoverão a divulgação do texto para realização de estudo por diversas áreas, posteriormente, pois a Crítica genética vincula-se ao mundo das pesquisas. Entretanto, para produzir o efeito pluridisciplinar, é fundamental que o pesquisador estabeleça os critérios para as edições que forem elaboradas para comporem o *corpus* genético do manuscrito. E faz-se, ainda, indispensável inferir que cada edição exige normas específicas, conquanto, requerem ser, também, explicadas ao leitor imperito. Cesar Nardelli Cambraia (2005) fundamenta este processo de normas ou critérios:

Considerando que cada tipo de edição atende a uma finalidade, não se pode dizer simplesmente que um dado conjunto de normas pode e deve ser aplicado em qualquer caso: normas para uma edição diplomática são muito distintas das para uma edição interpretativa. Por outro lado, não é desejável que, para um mesmo tipo de edição, se utilize um conjunto de normas ao se editar um texto mas outro conjunto diferente para outro texto: é de esperar que um dado tipo de edição seja realizado seguindo-se as mesmas normas. (CAMBRAIA, 2005, p. 109).

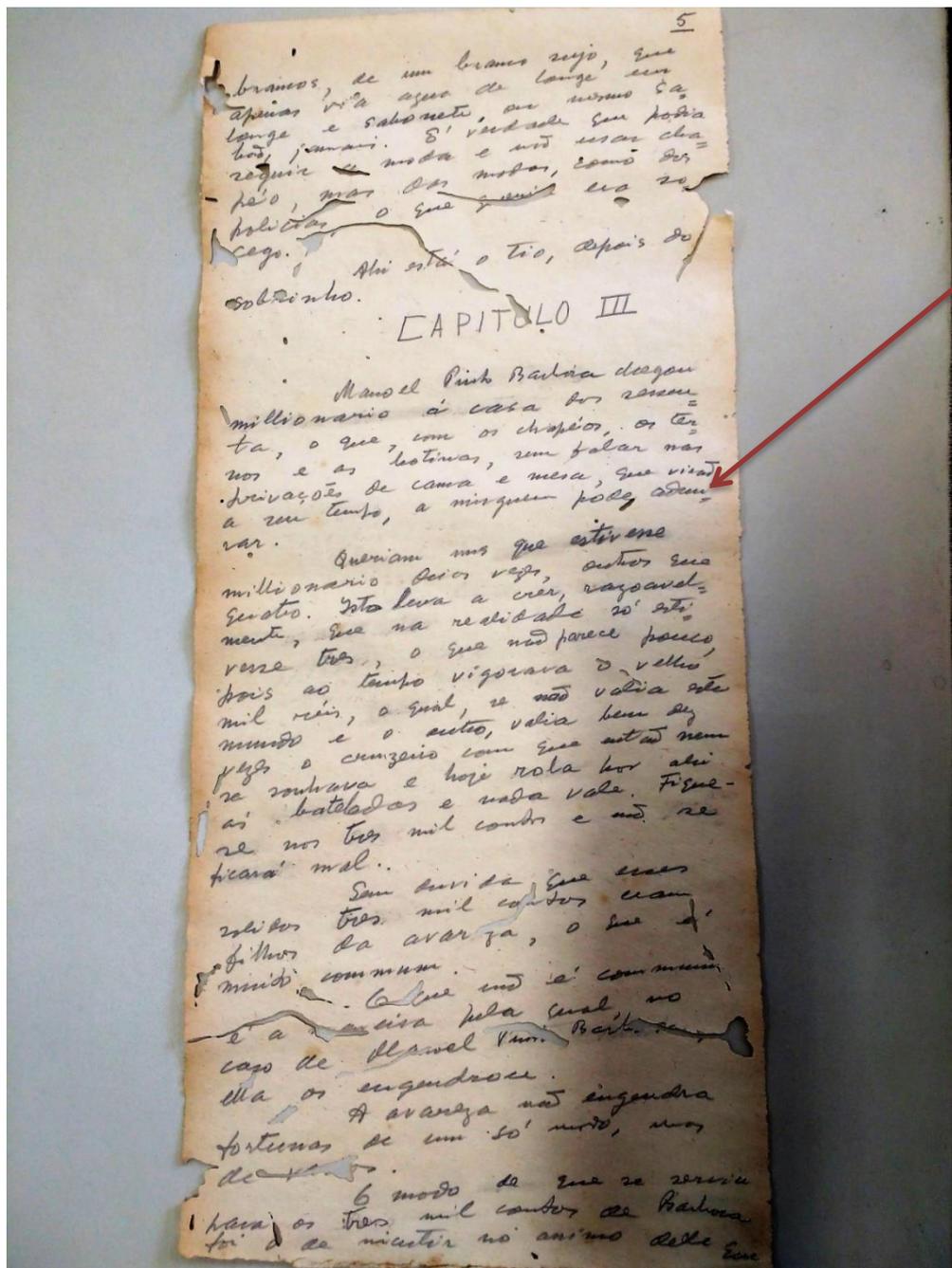
Como bem colocado por Cambraia, a metodologia de edições demanda especificidade, cuidado e clareza, portanto, os critérios estabelecidos para as duas edições que compõem esta pesquisa seguem elucidados a seguir:

1. foi a novela transcrita na íntegra;
2. foi elaborada a descrição física do dossiê genético, informando o estado de conservação dos documentos;
3. não foi atualizada, na transcrição dos *fólios*, as novas regras de acentuação e ortografia, a fim de valorizar a memória linguística a exemplo;



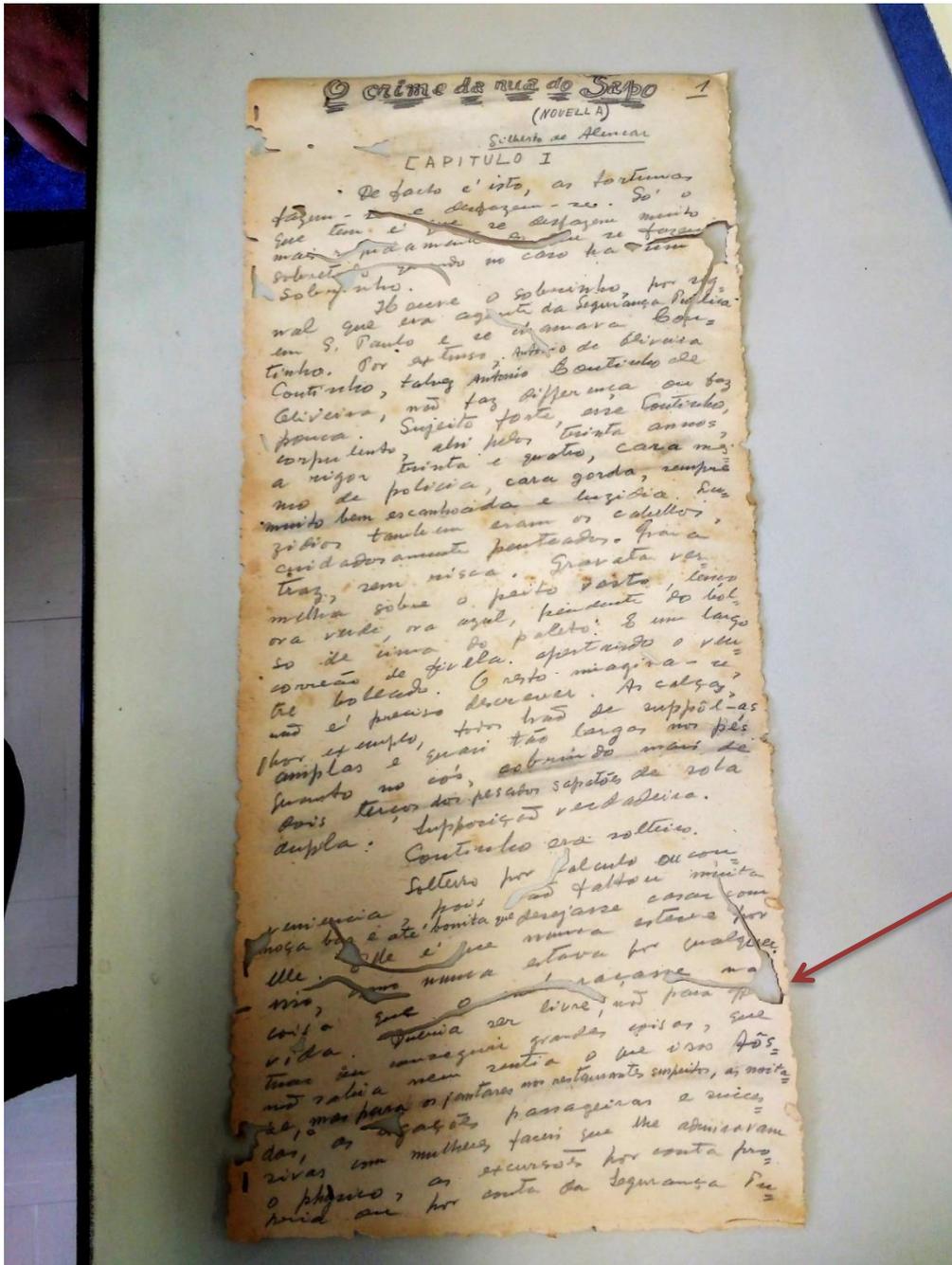
ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.1. Manuscrito.

4. foi respeitada a pontuação original;
5. foram registradas com o sinal [**Ilegível**], em negrito, todas as transcrições de elementos indecifráveis, conforme ilustração;



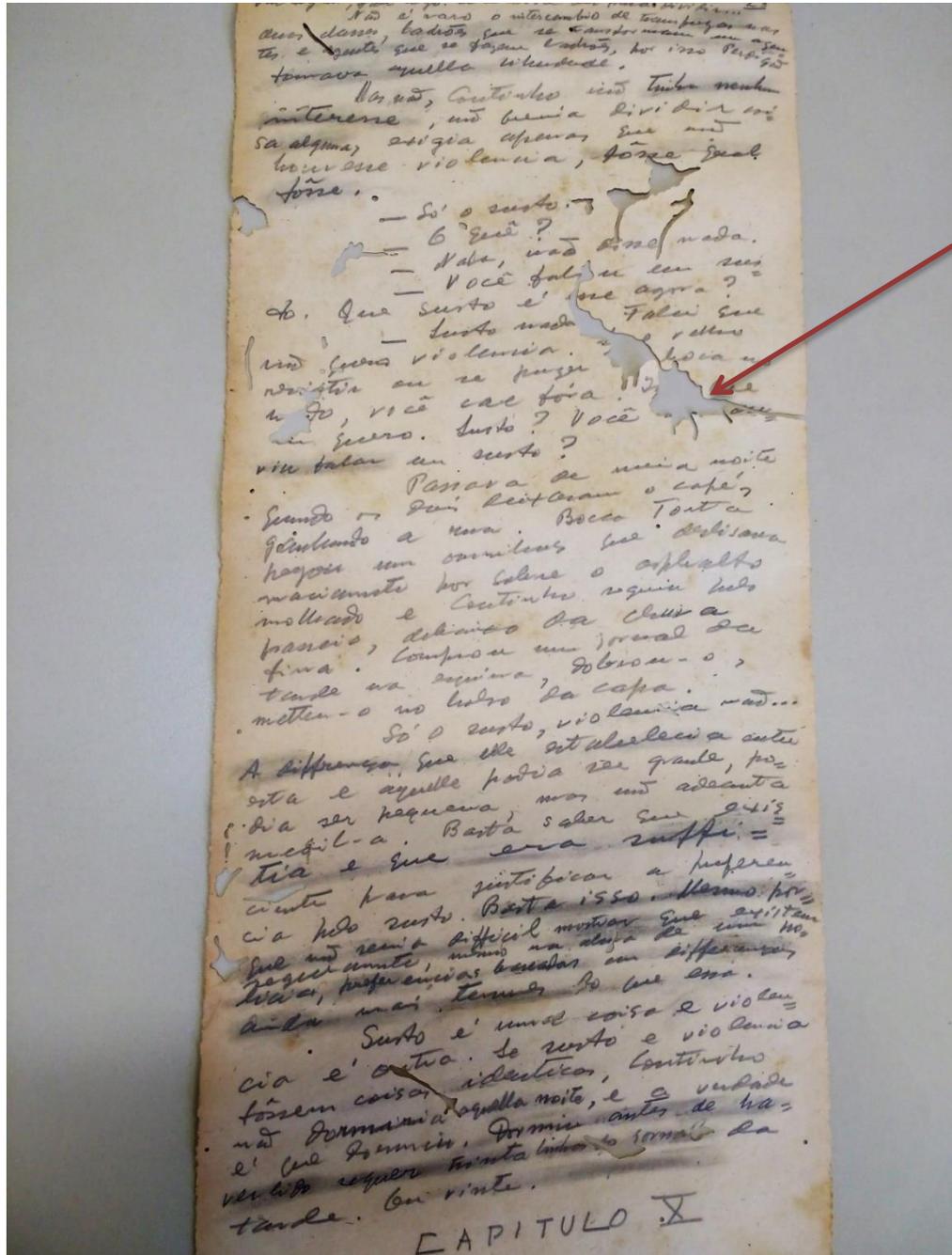
ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.5. Manuscrito.

- foram registradas com o sinal **{Rasura silenciosa}** em negrito, todas as transcrições indecifráveis pela intervenção de insetos de papel. Exemplo:



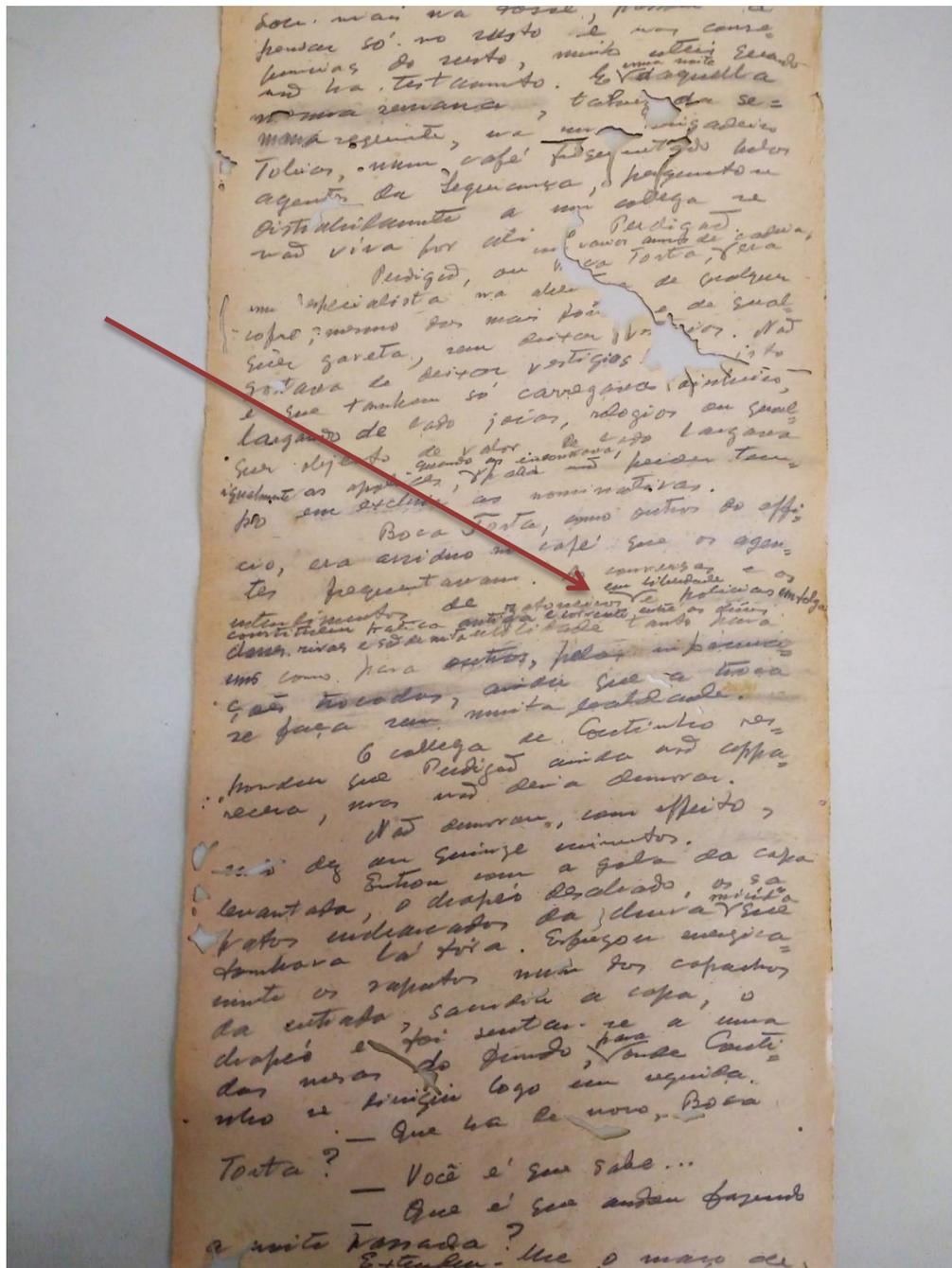
ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.1. Manuscrito.

7. foram registradas em cor **laranja** e negrito as palavras que configuram rasura silenciosa, mas que puderam ser inferidas, pela pesquisadora, por meio do contexto. Exemplo:



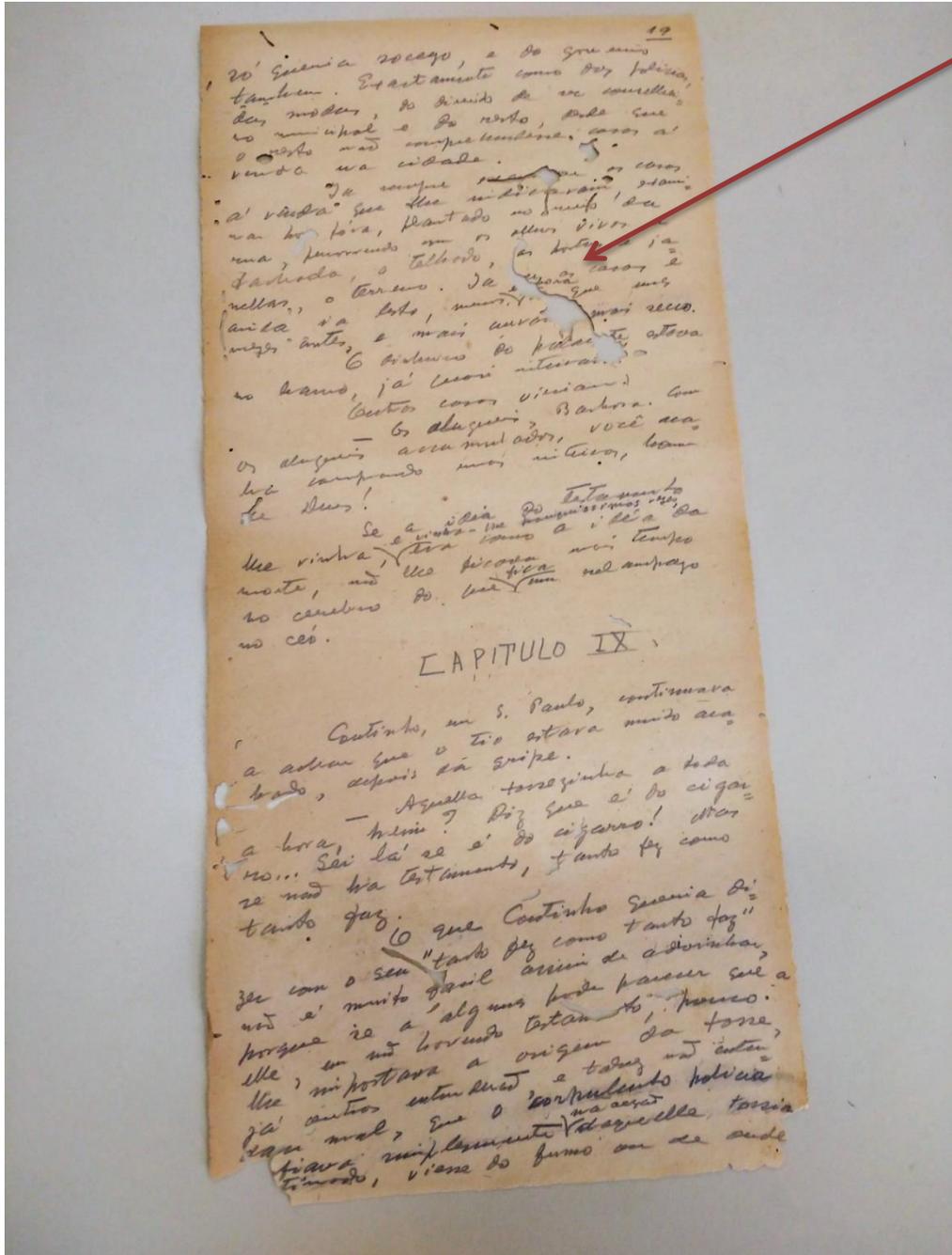
ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.23. Manuscrito.

8. foram registradas em cor **verde** e negrito as rasuras em acréscimo registradas ao lado esquerdo do símbolo ✓ . Exemplo:



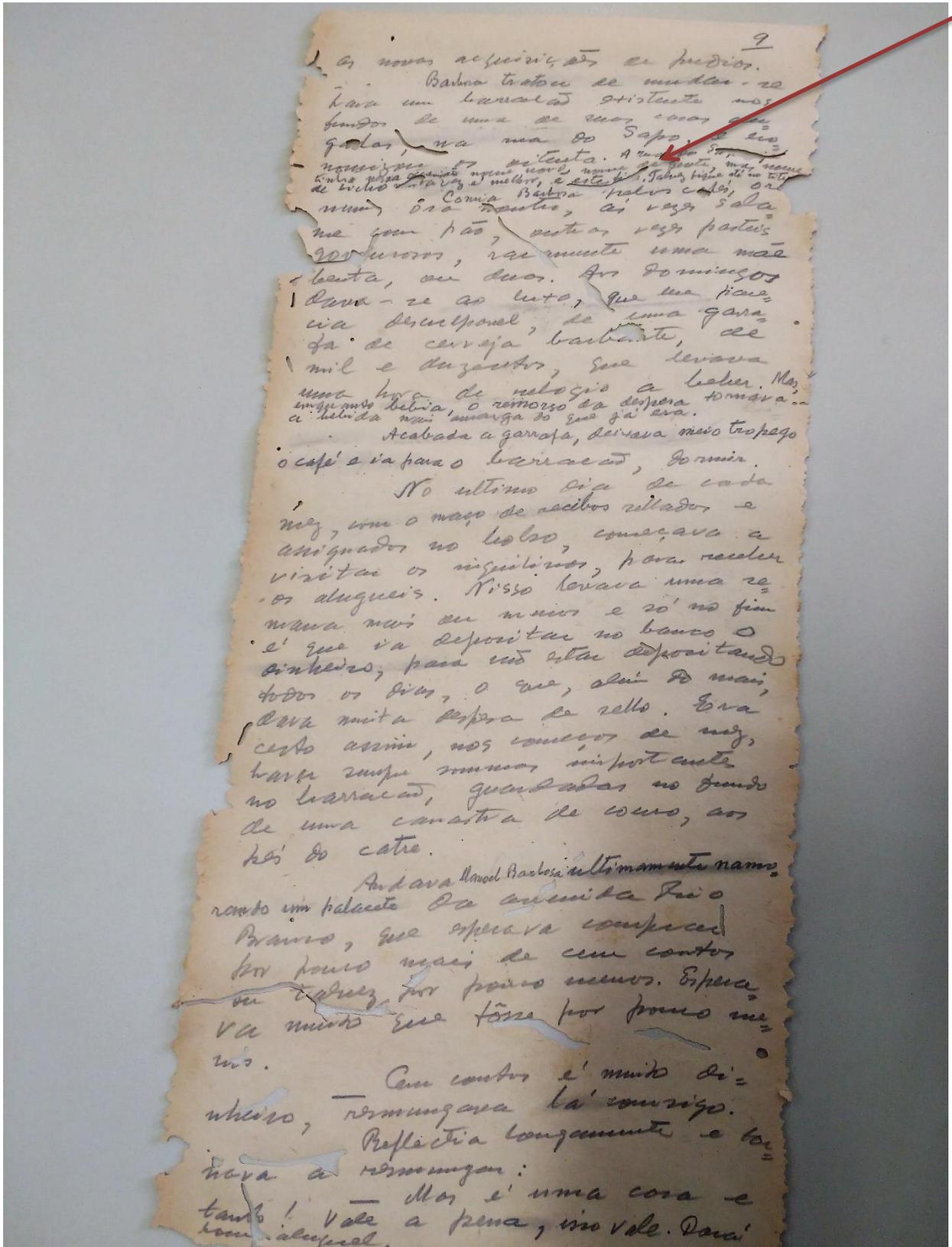
ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.21. Manuscrito.

9. foi registrada com o símbolo ✓ **{Rasura silenciosa}** por acréscimo, em negrito na cor **verde**, uma única transcrição indecifrável oriunda da intervenção de insetos de papel. Exemplo:



ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.19. Manuscrito.

10. foram registrados e sublinhados em negrito, palavras e fragmentos acrescentados nas entrelinhas sem o sinal ✓ .



ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.9. Manuscrito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que ficaram são apontamentos de uma pesquisa enriquecedora, pois foi assimilada a importância do universo da Crítica genética, essa teoria que abarca um manancial ilimitado de possibilidades de se ler um texto.

O privilégio de tomar contato com os possíveis baús de memórias que a franquia em museus de literatura possibilita; o contentamento de revirar os papéis amarelados pelo tempo que carregam os cheiros da memória, que guardam segredos, emoções, que conduzem lembranças que podem tornar-se histórias, tudo isso, juntamente com a possibilidade de identificar as entrelinhas do processo de criação, de captar o que ninguém viu ainda; partindo da rasura, que é um total fetiche para todo o geneticista, que instiga a imaginação a pensar o que impeliu o autor elaborar novas versões de um mesmo texto. O ato de tomar em mãos o manuscrito e percorrer parte do caminho que o autor trilhou, acompanhando suas dúvidas, observando o registro de acréscimos de palavras, períodos e parágrafos, proporcionou o deleite de acompanhar parte do processo de criação da novela.

O abrir e fechar do baú da produção de Gilberto de Alencar onde estavam guardados os registros de **O crime da rua do Sapo** representou um reencontro com a memória individual gilbertiana e coletiva juiz-forana enquanto representação de uma das histórias que formam o manancial de preservação da vida da cidade de Juiz de Fora com seus aspectos e ações.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.1. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.5. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.9. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.19. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.21. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.23. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.27. Manuscrito.

ALENCAR, Gilberto. **O crime da rua do Sapo**. Juiz de Fora: Museu de Arte Murilo Mendes, Acervo Alencar, Fundo Gilberto de Alencar, 1947, p.28. Manuscrito.

ANDRADE, Oswald de. Um homem sem profissão. 2 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

BIASI, Pierre-Marc. **A genética dos textos**. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

CAMBRAIA, César, Nardeli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FALCONI, A. MENDES, M.R.B. O entre lugar e a memória em **O crime da rua do Sapo**, apresentado nos anais da UFJF, VIII Jornada Literária do PPG Letras: Estudos Literários 2019.

Disponível em:

https://docs.wixstatic.com/ugd/398f3f_304fdb726dd04cf58740cb0b0c7d98e9.pdf.

Acesso em: 30 jun. 2021.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. *In*: **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HAY, Louis. **A literatura dos escritores**. Questões de crítica genética. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

MENDES; QUINTÃO. Nas trilhas de Gilberto de Alencar. **CES Revista**. Juiz de Fora |v.1 n. 1 jan./jul. 2017.

MORAES, Antonio, Marcos. **Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade**: históricos e alguns pressupostos. UNESP-FCLAS – CEDAP, v.4, n.2, p.123-124, jun. 2009.